

Sem-Vergonhice

J. Roberto Whitaker Penteadado

Na correspondência de Monteiro Lobato, há uma frase, que já usei algumas vezes, em contextos diversos: "[tenho] medo [de] que o brasileiro acabe mais sem-vergonha do que é".

Devo confessar que tomei uma liberdade não-autorizada com a frase, tentando reproduzir o seu espírito. Na verdade, Lobato escreveu, em 1944, ao Prof. Jorge Americano, então reitor da USP, para justificar o pedido de demissão do conselho da União Cultural Brasil-Estados Unidos: "Como verifiquei que os americanos fazem a maior das guerras ao fascismo na Europa e dão todo o apoio moral e material ao mesmo fascismo aqui, achei de bom conselho não contribuir para a união cultural entre os dois povos, de medo que o brasileiro acabe ainda mais sem-vergonha do que é".

O escritor tem, então, 62 anos. Está precocemente envelhecido (morrerá em 1948). Acaba de escrever sua última obra completa destinada ao público infantil: Os 12 Trabalhos de Hércules. Já realizou quase todos os "seus" trabalhos hercúleos: inventou o Jeca Tatu, implantou a modernidade na literatura brasileira, defendeu o ferro e o petróleo, enfrentou a ditadura de Vargas, da qual foi prisioneiro, e escreveu a melhor literatura para crianças desde Hans Christian Andersen. Sem se dar conta disso, entretanto, continua perplexo, na busca de uma identidade nacional para o Brasil.

É notável a ambivalência da frase epistolar disparada ao reitor da USP. Nela, Lobato afirma, sem pejo, que considera seus compatriotas "sem-vergonha". Mas faz uma afirmação surpreendente, para alguém que a pequena história registra como americanófilo: a de que ainda mais sem-vergonha do que os brasileiros são os americanos, um povo - ou governo - capaz de guerrear à morte contra o fascismo europeu, mas de apoiá-lo aqui - no Brasil e na América Latina em geral.

Não é muito fácil falar, em pleno 2001, sobre a nossa sem-vergonhice. Afinal, vivemos sob a égide da (boa) campanha publicitária da secretaria de comunicação do governo do PT (baseada numa frase de Câmara Cascudo): "o melhor do Brasil é o brasileiro". Mas ela existe e está evidente em muitas outras esferas, além daquelas em que somos recatadamente competentes - todas amplamente divulgadas pela imprensa.

Como outros traços da nossa cultura, ela tem sólidas raízes históricas. Eram sem-vergonha os primeiros europeus que por aqui aportaram, maltratando os indígenas e fornicando com suas mulheres; foram sem-vergonha, durante três séculos, os apaniguados e protegidos da coroa, que vinham predar as riquezas naturais de nosso território e gozar de outorgas e privilégios com impunidade garantida pela distância; como foram incomensuravelmente sem-vergonha umas vinte gerações de brasileiros, que usufruíam do trabalho escravo e - sempre com impunidade - lidavam com seres humanos como animais ou coisas, sabendo que o mundo não estava olhando... Tudo sem-vergonhice da grossa.

A nota positiva - na minha opinião - é a de que, hoje, estamos mais preparados do que em 1944 para lidar de forma construtiva com as nossas contradições.

PENTEADO, J. Roberto Whitaker. Sem-Vergonhice. **JRWP - J. Roberto Whitaker Penteadado**, Rio de Janeiro, maio 2005. Disponível em: <<http://www.jrwp.com.br/artigos/leartigo.asp?offset=255&ID=268>>. Acesso em: 4 set. 2009.